

A INFÂNCIA DE CRISTO EM *ADNOTATIONES ET MEDITATIONES IN EUANGELIA* DO PADRE JERÓNIMO NADAL (S. J.)

JOÃO CARLOS GONÇALVES SERAFIM

ISAG; CITCEM/F.L.U.P.

ABSTRACT

D. Vasco Luís da Gama (1612-1676), 1st Marquis of Niza, was one of the first lords that, in the mid 17th Century, decided to create a public library that would impress Lisbon. Among the many books that were ordered and suggested is the work of Priest Jerónimo Nadal – *Adnotationes et meditations in Evangelia* (1594) – already considered a iconographic treasure in its time... The images of childhood – noted and meditated upon... - analysed in this work demonstrate well the virtuousness of the Jesuit apologetic style of the time. Nadal's work was responsible for establishing a rhetoric, of materializing a *paideia* which was later greatly cultivated.

A epistolografia Moderna portuguesa tem – para além de António Vieira, Joana de Vasconcelos e Meneses, Bartolomeu do Quental, Francisco Manuel de Melo – dois *corpus* textuais de particular fortuna: referimo-nos à correspondência de D. Vicente Nogueira (1585¹-1654), um bibliófilo singular, e D. Vasco Luís da Gama (1612-1676), 1º Marquês de Niza, embaixador de D. João IV e um apreciador e esforçado coleccionador de livros... Para além das notícias singulares sobre a política e a diplomacia da época, das informações sobre a cultura portuguesa observada a partir de dois pólos privilegiados – Paris e Roma – há um tema que se impõe claramente, funcionando como *leitmotiv* de toda a produção epistolográfica: é a questão dos livros, os livros aconselhados, pedidos, dispensáveis, inúteis², os proibidos³, os autores reputados, as edições preferenciais, os preços, os coleccionadores e as bibliotecas em Portugal⁴ etc..

¹ «...entrando eu a 15 deste mês de Setembro em 65 anos»... – NOGUEIRA, 19-09-1650 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 702 v.; Na mesma missiva escreve: «mas do mesmo modo é certo que se eu a não fizera pouco depois de ter cinquenta anos, não houvera chegado aos 65 nos quais sou entrado desde 15 deste Setembro» – NOGUEIRA, 19-09-1650 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 704 v.

² Por exemplo, os livros de Roberto de Flud, os «concílios do Louvre», as obras de Scoto... – NIZA, 27-01-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 101 r.; NOGUEIRA, 19-09-1650 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 704 v.

³ NIZA, 26-6-49 – B.N.L., cód. 1977, fól. 24 v.-27 r.; NIZA, 20-04-50 – B.N.L., cód. 1977, fól. 66 v.-72 r.

⁴ NOGUEIRA, 5-3-50, B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 686 v.

D. Vicente Nogueira – que não conhecia de vista o Marquês de Niza – era um sólido letrado, um bibliófilo compulsivo, exilado em Roma desde 1634⁵ – depois de sentenciado pela inquisição por práticas desviantes... – onde serviria o Cardeal Giulio Sacchetti que fora Núncio apostólico em Madrid e, mais tarde, o Cardeal Francesco Barberini.

Numa carta de 22 de Novembro de 1649, lamentando «que ao melhor natural do mundo» não tivesse dado Deus um «Aristóteles para mestre», e mostrando algum ressentimento por sentir que o Marquês relativizava os seus conselhos e avisos, vê-se coagido a falar dos seus dotes:

Eu pois conhecendo que na repartição das fortunas, me deu Deus ãa tão limitada como a de bacharel, filho e neto de bacharéis (inda que subindo atrás, algo mais que bacharellice) me determinei a queimar as pestanas em saber, trabalhando mais que quantos homens conheço ou por vista ou por história, sendo inda hoje o meu estudar dez horas cada dia, como a outros meia. E vendo ser para isso necessário livros, desde idade de 14, quando apenas sabia latim, comecei a manejá-los com livreiros doutos, príncipes, comunidades. E com o muito estudo e lição (...) procurei vê-los, lê-los, e examiná-los, precedendo muito tempo e dinheiro gastado (mas a Deus graças não perdido) em perfeito conhecimento das três línguas do título da cruz, mães de todas as mães. E posso assegurar (debaixo do secreto natural, e fidalguia de V. S. que a toda a outra pessoa seria doudice, nem inda acená-lo) que não há homem que nestes cinquenta anos tanto haja lido. Porque deixado livros que por bons hei lido muitas vezes, há muitos que li ãa, muitos que a metade, muitos que um terço. E nenhum de quantos hei lido se me há passado sem ler dele tal parte que possa julgar, do siso juízo e fundo de seu autor, o que tudo V. S. verá⁶.

É outra a relação do Marquês de Niza com os livros que angaria... A sua faceta de mecenas é inquestionável... Para além dos sinais de que poderia ter tido um papel importante como protector e promotor de um pequeno «foco de cultura portuguesa» em França onde, como se sabe, em Nantes – em 1644..., – se editaram as *Trovas* de Bandarra e, em 1646, em Roão, as *Rimas Várias* de Soror Violante do Céu..., são as traduções de Camões⁷ e a vontade de se tornar – à semelhança dos grandes senhores da Europa dos seus dias – um notado coleccionador de livros e de dar corpo a uma livraria pública capaz de servir e de

⁵ Numa carta de 1649, diz estar há 15 anos em Roma... – NOGUEIRA, 15-5-1649 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 540 r.-542 v.

⁶ NOGUEIRA, 22-11-1649 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 513 r.

⁷ Da edição de «Os Lusíadas» que o Marquês estava a patrocinar... – NIZA, 29-6-49 – B.N.L., cód. 1977, fól. 24 v.-27 r.; NOGUEIRA, 22-11-1649 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 514 v.

impressionar Lisboa⁸, empreitada que vê impossível sem os serviços de Vicente Nogueira.

Mas era um apreciador de livros que não tinha muitos dotes nem muito tempo para ler: da língua latina sabia os *rudimenta*⁹ e da francesa mostra-se um leitor pouco dotado¹⁰... E depois eram os muitos afazeres – principalmente como conselheiro de estado – que o impredispunham para mergulhar em leituras¹¹... Por isso mesmo – o que provoca a inevitável reacção de D. Vicente Nogueira... – os critérios de aquisição eram frequentemente pouco fundados e abalizados¹².

Leitora efectiva e consistente – para quem as cartas de Nogueira teriam com certeza outro teor¹³ – é sua esposa Dona Leonor de Noronha, cuja vida espiritual, pelos rigores em que se sustinha, é motivo de preocupação dos interlocutores¹⁴. «Começo em nome da Marquesa – escreve D. Vasco Luís da Gama numa carta de 27 de Setembro de 1647, de Paris – a dar a V. M. as graças pelos livros que V. M. lhe manda – que passam muito dos doze – e que V. M. falou na sua primeira carta. Mas, é certo, lerá todos, porque só os de devoção lê, porque todas as tardes que pode gasta com as freiras da Madre de Deus, e todos os dias, no oratório, quatro horas ao menos. E dou graças a Deus de me dar mulher que, geralmente, tem ganhado a opinião em Portugal e ãa notável estimação»¹⁵. E noutra, do mesmo ano: «Mas em nome da Marquesa aceito os doze espirituais castelhanos, porque há muitos anos que não quer ler outros, e de Madrid lhe tenho mandado vir alguns, e se V. M. tivera mais conhecimento da Marquesa com maior razão

⁸ NIZA, 17-12-1649 – B.N.L., cód. 1977, fól. 54 v.-57 v.; Tinha já, na altura, cerca de 3000 livros... – NIZA, 17-12-1649, B.N.L., cód. 1977, fól. 54 v.-57 v.; NIZA, 20-04-50 – B.N.L., cód. 1977, fól. 68 r.; A excepção do Conde de Vimioso ninguém mais solicitava o uso dos seus livros... – NIZA, 20-04-1650 – B.N.L., cód. 1977, fól. 69 v.; NIZA, 27-01-1651 – B.N.L., cód. 1977, fól. 102 r.; Pelo menos na qualidade, na convicção de D. Vicente Nogueira, seria a melhor livreria de Portugal: «... com outros dous ou três caixões, que meu ânimo lhe anda traçando que V. S. terá a melhor livreria de Portugal. Não digo a maior – que o será a de Fr. Egidio em Coimbra, e algũa desses famosos colégios da Companhia dali, Évora ou Lisboa –, mas melhor que elas na variedade das matérias, na eleição dos bons autores, na rareza deles e em não entrar imaginação de cousa que ali se não ache» – NOGUEIRA, 10-6-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fl. 554 r.-555 v.

⁹ NIZA, 23-8-47 – B.N.L., cód. 2667, fól. 133 r.-133 v.; NIZA, 15-10-47 – B.N.L., cód. 2667, fól. 173 v.-174 r.; D. Vicente Nogueira lamenta que o Marquês não tivesse tido melhores mestres de língua latina... – NOGUEIRA, 22-11-49 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 512 v.

¹⁰ O Capitão de Vila Real ainda estava preso nas «casa do Rossio» e, por isso, não lhe podia fazer a tradução «do livro do Duque de Ruão» que o Marquês tinha... Por isso, ia começar a ler em francês, mal ou bem... – Carta do NIZA, 20-04-50, B.N.L., cód. 1977, fól. 69 r.

¹¹ NIZA, 20-04-50 – B.N.L., cód. 1977, fól. 69 r.; NIZA, 31-05-54 – B.N.L., cód. 1977, fól. 188 r.

¹² NOGUEIRA, 8-3-49 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 522 r.-523 v.

¹³ Em determinadas circunstâncias, D. Vicente Nogueira diz ao Marquês para ler as missivas que enviava para a senhora Marquesa – NIZA, 19-07-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 124 v.-127 r.

¹⁴ Dona Leonor de Noronha passava os dias no oratório lendo livros espirituais... – NIZA, 20-04-50 – B.N.L., cód. 1977, fól. 69 v.; Os jejuns e as orações constantes vinham em prejuizo da sua frágil saúde... – Vicente NOGUEIRA, 19-9-50 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 698 v.; Na Vidigueira, confessava-se no convento dos frades capuchos da piedade... – NIZA, 27-01-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 105 r.

¹⁵ NIZA, 27-9-1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 159 v.-160 v.

me dissera dela o que me diz»¹⁶.

E são as «Horas de Nossa Senhora»¹⁷, o «Espelho de Consolação»¹⁸, as Epístolas e Evangelhos de Montesinos¹⁹, os «Abecedários de Ossuna»²⁰, as obras do jesuíta João Eusébio²¹, *A Vida Espiritual e Perfeição cristã* de Fr. António Sobrinho²² e outras, como o livro das «judeias de Holanda», que merecia ser proibido e que D. Vasco Luís da Gama só deveria ler à Marquesa quando alguma vez a quisesse fazer rir²³...

E é neste fluxo de livros – pedidos e aconselhados – que se refere o livro do Padre Jerónimo Nadal como uma particular preciosidade bibliográfica:

Já tenho dito a V. S. que todos os livros que de novo junto, hão-de ser seus seja por venda, seja por doação. E assi nem V. S. se canse por o pranto da Igreja de Álvaro Pelágeo, nem pola vida de Cristo estampada e Historiada do Padre Natal, dos quais o primeiro quando aí se ache, lhe há-de custar o dobro, e o segundo lhe há-de custar os dous terços mais, e o que aqui tenho é ãa ascua de ouro (...) e o que me escandaliza da tirania de Cramoisi não é quando, dum livro que vale um tostão, quer três; ou que valendo um cruzado, queira três e quatro, mas que do que vale 12 ou quinze cruzados queira 45 como do Natal, sendo assi que o triplo e duplo é sofrível em partidas curtas, mas em grandes é termo intratável. Contudo, nestes meus róis, pelos quais beijo as mãos a V. S., inda que quasi sempre mete maior preço, contudo já o vi mais excessivo»²⁴.

E cerca de dois meses e meio depois – numa carta de 11 de Janeiro de 1649 – D. Vicente Nogueira diz ter sabido pelo secretário Pedro Vieira a notícia de que o Marquês não estava interessado na obra do Padre Nadal²⁵... O custo era com certeza a razão da desistência, pois o universo e a espiritualidade jesuíta eram particularmente considerados pela esfera do Marquês de Niza: pelo Padre

¹⁶ NIZA, ?, ?, 1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 122 v.-124 r.

¹⁷ NOGUEIRA, 27-3-49 – B.P.E. Cód. CVI/2-11, fól. 661r.-662 r.; NOGUEIRA, 19-6-49 – B.P.E. Cód. CVI/2-11, fól. 549 r.-549 v.

¹⁸ NOGUEIRA, 27-3-49 – B.P.E. Cód. CVI/2-11, fól. 661r.-662 r.; NOGUEIRA, 19-6-49 – B.P.E. Cód. CVI/2-11, fól. 549 r.-549 v.; NOGUEIRA, 26-6-49 – B.P.E. Cód. CVI/2-11, fól. 546 r.-548 v.; NIZA, 12-9-49 – B.N.L., cód. 1977, fól. 39 v.-46 r.

¹⁹ NOGUEIRA, 19-6-49 – B.P.E. Cód. CVI/2-11, fól. 549 r.-549 v.

²⁰ Manda-lhe uma edição em seis tomos... – Vicente NOGUEIRA, 29-1-50 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 682 v.

²¹ NIZA, 31-05-54 – B.N.L., cód. 1977, fól. 188 r.

²² Fr. António SOBRINO, *Vida Espiritual y perfeccion christiana*, Valência, Juan Crisostomo Garriz, 1611, 4°; NOGUEIRA, 1-2-1649 – B. P. E., cód. CVI/2-11, fl. 649 r.-651 v.

²³ NOGUEIRA, 29-11-49 – B.P.E. Cód. CVI/2-11, fól. 520 r.

²⁴ NOGUEIRA, 23-11-1648 – B. P. E., cód. 106/2-11, fl. 584 r.

²⁵ «É dita de P.º Vieira que V. S. não queira este Natalic, porque me não ocorreu outrem a quem melhor o presente» – NOGUEIRA, 11-1-1649 – B. P. E., cód. CVI/2-11, fl. 535 r.-538 v.

António Vieira mostra uma admiração incondicional²⁶ – também corroborada por Vicente Nogueira que se refere ao jesuíta como um «milagre», um «prodígio»²⁷ e que em dezasseis anos de Roma não fora ali, de Portugal, maior sujeito²⁸ -; a Marquesa lia assiduamente os sermões do Padre João Eusébio²⁹ e tinha como confessor o Padre Luís Brandão a quem deviam particulares favores³⁰...; e depois são as muitas repetidas diligências para conseguir os «16 livros da Companhia»³¹ que mostram a importância dada à regra e à espiritualidade inaciana.



Nos finais do século XIX, a série *Monumenta Historica* publicou quatro volumes com a correspondência de Jerónimo Nadal (1507-1580) e desde logo os irmãos Rahner constataram o lugar de relevo que Nadal ocupava na espiritualidade da Companhia. Em meados do século XX o Padre Miguel Nicolau dedicou uma monografia aos seus escritos e doutrinas espirituais³², em 1962 edita as conferências e comentários de Nadal ao Instituto da Companhia de Jesus³³, e em 1964 o Diário de Oração³⁴. Uma década depois, Manuel Ruiz

²⁶ «O Padre António Vieira é tão vivo que fica em minha companhia e é um grande sujeito. E começámos a entrar em alguns negócios de importância» – NIZA, 15-10-1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 173 v.-174 r.; Sentia, também, que o Padre António Vieira lhe tinha particular amizade... – NOGUEIRA, 19-09-1650 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 702 v.; E de facto, na versão do Marquês, P. António Vieira teria falado ao rei sobre a pessoa e situação de D. Vicente Nogueira... – NIZA, 27-01-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 100 v.; NIZA, 27-01-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 103 r.; NOGUEIRA, 8-05-51 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 671 r.-674 r.; NIZA, 19-07-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 124 v.- 127 r.

²⁷

²⁸ NIZA, 8-5-1651 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fl. 671 r.-674 r.

²⁹ NIZA, 31-05-54 – B.N.L., cód. 1977, fól. 188 r.

³⁰ « Poucos dia há que por via de França e Holanda escrevia V. M. largo. Agora o torno a fazer por esta nau ingresa que se pôs a carga em que passam o provincial e mais religiosos da Companhia, sendo um deles o Padre Doutor Luís Brandão, confessor da Marquesa, a quem devemos particulares obrigações, o qual, conforme a razão, deve fiar por assistente e em que V. M. terá um boníssimo companheiro, se se não detreminar a vir gozar dos ares da pátria, conforme ao que nas outras cartas tenho escrito a V. M., em razão do que passei com o secretário Pedro Vieira tocante a este particular.» – NIZA, 17-12-1649 – B.N.L., cód. 1977, fól. 54 v.-57 v.

³¹ NOGUEIRA, 10-6-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 554 r.-555 v.; NOGUEIRA, 12-03-50 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 694 r.; NIZA, 27-01-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 102 r.; Seria particular o privilégio em ter «os dezasseis volumes do governo da Companhia...» quando até para muitos padres da própria Ordem era uma obra restrita... – NOGUEIRA, 5-3-50 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 670 r.-670 v.; A páginas tantas – quando refere que, no que aos livros dizia respeito, o importante era a qualidade e não tanto a quantidade... – diz preferir «as 16 cartilhas do governo da Companhia» que mandaria ao Marquês na próxima nau, que os 18 volumes das duas biblias régias e Richilio... – NOGUEIRA, 8-05-1651 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 671 r.-674 r.; Os tão referidos livros do governo da Companhia só foram concedidos na condição de serem para D. Vicente Nogueira que os legaria, depois de falecido, ao Marquês... – NOGUEIRA, 8-05-51 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 673 r.

³² NICOLAU, 1949.

³³ NADAL, 1962.

³⁴ NADAL, 1964.

Jurado publica as *Scholias* sobre as Constituições³⁵ e uma cronologia sobre a vida do Jesuíta³⁶ e em 1992 e 2002 aparecem as primeiras biografias³⁷. O'Malley, na tentativa de sintetizar a importância de Jerónimo Nadal para a espiritualidade jesuíta da primeira geração, aponta três razões fundamentais: por um lado, foi o intérprete do fundador em muitas comunidades jesuítas desempenhando um papel fundamental na aplicação, a cada comunidade, dos princípios doutrinários e constitucionais da ordem; por outro, foi o visitador que teve a oportunidade de conhecer mais jesuítas – e de uma forma mais directa – que o próprio Inácio; em terceiro lugar, foi o divulgador das ideias de Inácio, oralmente e por escrito³⁸.

Nascido em Palma de Maiorca em 1507, começou os estudos universitários em Alcalá de Henares pouco depois de Inácio de Loiola abandonar aquela cidade³⁹... De 1532 a 1536 foi estudante da Universidade de Paris onde reencontra antigos colegas de Alcalá como Nicolás Bobadilla, Diego Laínez e Alfonso Salmerón que viriam a fazer parte desta primeira geração de jesuítas. Abordado, na circunstância, por Inácio para que integrasse o seu grupo, mostrou-se renitente e teria dito – como o próprio conta no *Chronicon* –, segurando a Bíblia na mão, que aquele era o livro que queria seguir⁴⁰...

Como súbdito espanhol, em 1537 – no contexto da terceira guerra entre Carlos V e Francisco I de França – teve de abandonar Paris e dirigir-se para Avinhão onde concluiu o Doutoramento em Teologia. No ano seguinte regressa a Maiorca onde, depois da morte de sua mãe passaria por uma profunda depressão que duraria vários anos. Foi através da leitura de uma cópia de uma carta que Francisco Xavier enviara das missões que ficou a saber do grupo de Inácio de Loiola, agora reconhecido pela Igreja e confirmado pelo Pontífice. Nos anos seguintes – primeiro pela leitura dos *Exercícios espirituais* e, depois, convivendo em Roma com o próprio Inácio... – ganhou um grande afecto ao fundador e um amor profundo à Companhia... S. Inácio reconhecendo as suas enormes capacidades confiou-lhe tarefas de importância extrema que Nadal desempenhou superiormente. Depois da morte do fundador foi Comissário Geral de Laínez e visitador no tempo de Francisco de Borja, tornando-se, assim, um dos quatro jesuítas mais importantes no governo da primeira Companhia de Jesus. Morreu em Roma em 1580⁴¹.

³⁵ NADAL, 1976.

³⁶ JURADO, 1979: 248-276.

³⁷ BANGERT & MCCOOG, 1992; CANELLAS, 2002.

³⁸ COUPEAU, 2007: 3-80.

³⁹ NADAL, 1945: 2

⁴⁰ COUPEAU, 2007: 11

⁴¹ COUPEAU, 2007: 13

Apesar da acção variada e multiforme – no governo, na administração dos negócios, na promoção da disciplina religiosa em tempos de crescimento e dilatação da Companhia... – a obra de Nadal ganha força pela sua acção espiritual e ascética, com as exortações e práticas que proferiu pelas casas da Companhia⁴². Considerava a conversão espiritual um ministério muito próprio dos Jesuítas e os escritos e conferências testemunham não só a sua competência para veicular ideias, mas também a arte para mover afectos, a sensibilidade e prudência requeridas no ministério da conversão. Para este intento foram particularmente importantes as *Concordantia Evangelia*, as *Meditaciones*, as *Apologias* (dos Exercícios e da Companhia de Jesus) e as *Annotationes in Evangelia*...

Mas tiveram importância singular – e justificaram a grande celebridade de Nadal... – duas publicações póstumas: a primeira foi um conjunto de imagens da vida de Cristo, *Evangelicae historiae imagines*⁴³, publicada em 1593 e constituída por 153 gravuras⁴⁴, e a segunda, *Adnotationes et meditationes in euangelia*⁴⁵ – que segundo a portada teria sido publicada em Antuérpia em 1594, mas que, de facto, segundo a página final, só teria sido ultimada em 1595⁴⁶ – em que se republicam as imagens da edição de 1593 acrescentando notas exegéticas e meditações. O êxito da publicação foi tal que justificou, no mesmo ano de 1595, uma segunda edição que tivemos oportunidade de consultar⁴⁷.



De acordo com Diego Jimenez, assistente de Nadal e responsável pela organização do livro após sua morte, foi uma sugestão do fundador que teria motivado a obra... O propósito seria estender o método dos *Exercícios Espirituais* a todo o ano litúrgico através de ilustrações, formulação de pontos

⁴² NADAL, 1945: 5

⁴³ NATALI, 1593

⁴⁴ A edição foi da responsabilidade do Padre Diego Jiménez, antigo companheiro do Padre Nadal. Como explica na dedicatória da obra ao Papa Clemente VIII, para evitar uma edição tão volumosa e cara, tinha decidido prescindir das meditações e publicar apenas as imagens que predisps não por ordem do calendário litúrgico, mas por ordem natural, cronológica. – NICOLAU, 1949: 114

⁴⁵ NATALI, 1594

⁴⁶ NICOLAU, 1949: 115

⁴⁷ NADAL, 1595; Esta edição difere da primeira apenas na paginação e nas vinhetas e debuxos ornamentais que aparecem no começo e no fim de algumas meditações. A terceira edição – que na portada se refere como última – adoptou os textos dos Evangelhos segundo as variações da Bíblia de Clemente VIII e imprimiu-se na afamada tipografia plantiniana, então de Juan Moretus, em Antuérpia. O Papa Clemente VIII – para compensar o enorme investimento económico que as edições exigiram – tinha concedido durante dez anos o privilégio editorial ao impressor Nutius. A terceira edição, de 1607, é claramente de maior qualidade editorial e gráfica... – NICOLAU, 1949: 115; Nicolau António fala de uma outra edição do mesmo ano de 1607 – ANTONIO, 1996: 591; A última edição foi de facto a de 1707, em Antuérpia, por Enrique e Cornelio Verdussen – NICOLAU, 1949: 116

para a meditação e comentários que seriam de especial proveito para a reflexão e oração dos jovens religiosos da Companhia de Jesus...

No entanto, no início não se encontraram impressores e gravadores e o Padre Nadal morreu sem ver cumprido o seu propósito. Será o Padre Diego Jiménez a assumir essa responsabilidade. Os debuxos fizeram-se em Roma por Bernardino Passeri e o jesuíta Giovanni Battista de Benedetto Fiammeri, por Martin de Vos e Hieronymus Wiericx. Em 1586 estavam já no colégio jesuíta de Antuérpia e Cristóbal Plantino distribuiu o trabalho pelos mais afamados gravadores flamengos⁴⁸.

Dos 154 gravados que ilustram as cenas dos Evangelhos – contando com a portada –, 58 são da autoria de António Wiericx, 56 de Jerónimo Wiericx, 17 de Johan Wiericx, 9 de Carlos van Mallery, 11 de Adriaen Collaert, 2 de Juan Collaert – autor do número 68 e a quem também se atribui a portada, sem data – e, por último, um assinado «N.fecit» que será de Nicolaes Bruyn⁴⁹.



A obra foi de facto particular no contexto da literatura de espiritualidade do tempo... E hoje – para além de referida como um verdadeiro monumento do gravado flamengo – é comumente reconhecida pela importância que teve na difusão do espírito contra-reformista que consegue representar de uma forma acabada⁵⁰. E importa salientar aqui as principais razões dessa representatividade.

Em primeiro lugar figura bem o tratamento que é dado na *Devotio Moderna* ao antigo tema da *imitatio Crist*⁵¹. Nos programas de meditação os leitores eram constantemente instruídos a transformar simples reflexões num comprometimento com Cristo. Não é imitar tanto a vida concreta, mas o seu espírito. O método é a meditação das escrituras e a consideração dos exemplos dos santos. Procura-se uma transformação humana pelo espírito do Salvador⁵². De certa forma é uma abordagem reactiva à intensa subjectividade proveniente dos movimentos reformistas, cuja centralidade está bem patente no espaço e influência de obras – tão recomendadas, procuradas e lidas – de que é exemplo

⁴⁸ NICOLAU, 1949: 120-121

⁴⁹ NICOLAU, 1949: 119

⁵⁰ *Dictionnaire de Spiritualité*, 1971 : 1530

⁵¹ *Dictionnaire de Spiritualité*, 1971 : 1536-1601

⁵² *Dictionnaire de Spiritualité*, 1971 : 2356

da *Imitatio Christi*, também chamada *De Contemptu Mundi*⁵³... E neste sentido – nesta literatura espiritual entendida como aquela que se centra «en el conocimiento de los caminos y de la actuación de los medios que conducen a la perfección»⁵⁴ – ganha traços bem definidos a ideia da metodologização da oração, a atenção especial à oração mental (meditação e contemplação) e à direcção espiritual. Assim se compreende as intenções das primeiras compilações de textos com vista ao aperfeiçoamento da vida interior – os *Abecedários*, os *Tratados de oração* e os *Exercícios Espirituais*...

Em segundo lugar porque é talvez a obra mais representativa da importância que a imagética teve no contexto pós-tridentino. Já a retórica de Aristóteles, de Cícero, de Quintiliano concentram a ideia de que não só o dito, mas também a imagem, o teatro do corpo eram importantes para persuadir, deleitar, emocionar... E a importância da memória fazia já parte integrante desse corpus retórico. Nas teorias teológicas medievais – na abordagem tomista, «nihil potest homo intelligere sine phantasmate», e na de S. Boaventura... – a «arte da memória» é legitimada e usada como veículo de espiritualidade, suportes de sentidos místicos que nos remetem para o divino... Com o desenvolvimento da xilogravura, e posteriormente da imprensa, os elementos imagéticos, como instrumentos contemplativos, passaram a ter um lugar de destaque.

Mas é no contexto pós-tridentino que a igreja católica –, na tentativa de contestar os discursos reformistas heterodoxos, revalorizou o uso da imagética e explorou toda a sua eficácia pedagógica. Os impressores tiram todo o partido das imagens como forma de instruir e edificar. No seguimento do doutrinado na última sessão do Concílio de Trento, em 1563⁵⁵, as ordens ou congregações religiosas recentemente criadas ou reformadas – Jesuítas, O oratório de Filipe de Neri, os Capuchinhos (nova família Franciscana), os Teatinos... –, mas também as ordens mais antigas – os Dominicanos, os Eremitas de Santo Agostinho... –, motivadas pelo combate contra as «heresias», vão dar um contributo significativo para a revitalização da iconografia nos últimos anos do século XVI e nas primeiras décadas do século XVII⁵⁶.

Em terceiro lugar, por representar bem, neste contexto, as particularidades do filão jesuíta... A obra *Adnotationes* consegue, pela primeira vez, concentrar e aplicar as estratégias pedagógicas inauguradas nos *Exercícios Espirituais* de Inácio...

⁵³ CARVALHO, 2007 : 15, 35, 44, 60, 61...; *Dictionnaire de Spiritualité*, 1971 : 2338-2368

⁵⁴ CARVALHO, 2007: 14

⁵⁵ Sessão XXV (3-4 de Dezembro de 1563) – «De invocatione, veneratione et reliquiis sanctorum, et de sacris imaginibus» – *Les Conciles Œcuméniques, 1994: 1572-1576.*

⁵⁶ FUMAROLI, 2007 : 17

É reconhecida a importância do fundador nesta crescente valorização dos elementos visuais em práticas contemplativas. Na interpretação de Fumaroli, os *Exercícios* são uma espécie de recapitulação metódica desta *rhetorica divina* elaborada pelos monges medievais e aperfeiçoada em Cologne e na Flandres durante o século XV. Esta oratória que tem como propósito maior fazer com que a imagem de Deus encarnado – o Cristo menino, o Cristo homem, o Cristo da paixão... – se tornasse interiormente presente, fosse uma imagem persuasiva, capaz de comover, de converter..., uma representação, um espelho em que o homem se pudesse mirar...⁵⁷ Daí a importância da imagem do verbo encarnado... Nada seria mais eloquente que o corpo silencioso – às vezes o silêncio tem uma eloquência superior... – e martirizado de Cristo cravado na cruz, assim como a imagem dos seus imitadores, os mártires, os santos estigmatizados ou em êxtase⁵⁸... É um Deus eloquente que toca o coração do homem, que o emociona que o converte. E assim a pintura religiosa católica, num momento em que se vê particularmente ameaçada, ganha um novo alento e viverá uma fase de notória fecundidade...

De facto, é muito dos *Exercícios* o incitar o leitor a meditar sobre histórias evangélicas, construindo uma imagem mental que presentifica acções passadas, comovendo-o e incitando a sua participação e posicionamento perante a missão divina no mundo. É um enunciar de procedimentos para se reviverem interiormente as palavras e os actos que parecem mais significativos na vida de Cristo. O devoto, pela imaginação, deve visualizar Cristo evocá-lo como uma realidade presente. São as contemplações propostas, o «ver as pessoas», o «ouvir o que dizem», os colóquios com as personagens de cada cena sugeridos pelo autor, os apelos aos «sentidos interiores»... E num documento incluso designado «Reglas para sentir con la Iglesia» trata da veneração das imagens como suportes essenciais ao espírito – o crente necessita do exercício dos seus sentidos corporais como motor da sua experiência interior⁵⁹.

Esta pedagogia das imagens foi naturalmente assimilada pelos primeiros jesuítas que farão da retórica da imagem – a palavra, o verbo de Deus encarnado... – uma forma de *Praeparatio evangelia*... San Francisco de Borja foi o primeiro a compor umas meditações sobre os Evangelhos que seriam acompanhadas por uns gravados que o Padre Jerónimo Nadal se havia comprometido arranjar. Nadal conheceu as meditações de S. Francisco de Borja e teria até posto, de sua própria mão, num dos manuscritos, o título «Meditationes Patris Francisci»⁶⁰.

⁵⁷ FUMAROLI, 2007: 34

⁵⁸ FUMAROLI, 2007: 35

⁵⁹ RUBENS & BARBÉ, 1992: 45-46; FABRE, 1996 : 197-210

⁶⁰ NICOLAU, 1949: 124-125.

Não se sabe por que vicissitudes a publicação desta obra não se concretizou. Viria a ser tardiamente publicada pelo Padre Federico Cervós em 1912⁶¹.

E havia razões para que Jerónimo Nadal decidisse publicar uma outra obra em detrimento da do terceiro Geral da Companhia. As meditações de Borja não tinham relação directa com uma imagem em particular, assim como não possuíam qualquer nota exegética. Nadal sentiu que a empreitada teria de ter outra figura de forma a que correspondesse melhor ao que lhe havia solicitado S. Inácio – conforme testemunha o Padre Diego Jiménez: laborar uma obra para os escolares da Companhia sobre os Evangelhos da Quaresma e dos domingos, ilustrada com imagens e com breves pontos de meditação⁶²...

Terá escrito a obra durante generalato do Padre Everard Mercurian (1572-1581) e foram vários os acrescentos, os melhoramentos e as tentativas para editar, algumas fracassadas devido à guerra que devastava a Flandres. Nadal tinha noção da importância do intento: três anos antes da sua morte – parcialmente incapacitado para ler – e enquanto interrompia a publicação dos diálogos, tentava insistentemente encontrar um gravador para a sua *Historia Evangelicae Imagines*⁶³...

E os confrades da Companhia sentiam a importância catequética e ascética da obra e depois de muitas dificuldades – porque economicamente muito dispendiosa... –, treze anos depois da morte de Nadal, é editada e recebida com enorme expectativa⁶⁴... As *Adnotationes* encetam, portanto, um filão que terá continuidade com o *Triumphus Iesu Christi crucifixi* de Bartolomeo Ricci, editado em Antuérpia em 1608⁶⁵ e a *Vita beati P. Ignatii Loiolae Societatis Iesu fundatoris* encomendada pelos padres da Companhia por 1605-1606 para celebrar a beatificação do seu fundador e publicada a primeira vez em 1609⁶⁶.



A edição consultada – de 1595 – é constituída por duas partes bem marcadas: na primeira encontra-se a portada e as 153 gravuras que deram corpo à edição de 1593; e na segunda parte – da página 1 à página 595 – estão as respectivas «Adnotationes et Meditationes».

As imagens mantêm hoje o artifício e a capacidade de prender a atenção do leitor. A dignidade que encerram, a exactidão das linhas, a riqueza das cenas, a

⁶¹ BORJA, 1912

⁶² NICOLAU, 1949: 126

⁶³ COUPEAU, 2007: 76

⁶⁴ NICOLAU, 1949: 130.

⁶⁵ RUBENS & BARBÉ, 1992: 46

⁶⁶ RUBENS & BARBÉ, 1992: 46

multiplicidade de pormenores, a vida e a suavidade das figuras, a reverência das personagens relevam bem a arte decorativa e tipográfica que justificava a fama dos impressores de Antuérpia.

No lado superior direito encontram-se duas séries de números, ambas de um a cento e cinquenta e três: os números árabes indicam a ordem das placas da edição de *Evangelicae Historiae Imagines* (1593) seguindo a sequência cronológica dos acontecimentos da vida de Jesus; os números romanos indicam a ordem das gravuras em *Adnotationes et Meditationes in Evangelia* de 1595 seguindo a sequência das leituras do ano litúrgico de acordo com o Missal romano do tempo.

A linha superior, em letras capitais, indica o dia do calendário litúrgico (festa, domingo, ou dia útil) em que esta passagem do Evangelho foi usada no missal romano do século XVI. Sempre que a ilustração descreve diferentes cenas da mesma passagem evangélica, ou no caso de duas ou mais ilustrações descreverem partes diferentes da mesma leitura, geralmente escreve-se, depois da linha superior, *Eodem Dominica, Eodem Sabbatho...* Em cerca de 50 gravuras, o dia litúrgico não é mencionado explicitamente. Por exemplo, a gravura 7/IX descreve a segunda parte da leitura da festa da Epifania do Senhor (gravura 6/VIII) em que se escreve simplesmente «Adoratio Magorum»; a gravura 101/LXXVII a 103/LXXIX e 107/LXXX a 133/CVI descrevem várias cenas da paixão de Cristo, meditadas durante a semana santa; as gravuras 134/CVIII a 146/CXX descrevem as várias histórias da ressurreição de Jesus lidas no último domingo e durante a última oitava.

A segunda linha, em caracteres itálicos, contém geralmente um título descritivo da autoria de Nadal. Os casos em que isso não acontece – por exemplo, no dia da Anunciação e no dia de Pentecostes... – são aqueles em que o nome da festa em causa é suficientemente explicativo. No caso das gravuras que não indicam o dia litúrgico o título é feito em letras capitais...

Na terceira linha – em pequenos caracteres itálicos – fazem-se as referências bíblicas onde a cena se pode encontrar, na maior parte das vezes referindo-se os diferentes Evangelhos, e em alguns casos usando-se simplesmente as expressões «Eodem cap.» ou «Eisdem capp.». São raras as gravuras que referem textos não presentes nos quatro Evangelho: os actos dos apóstolos são referidos nas placas 147/CXXV a 149/CXXVII, a respeito da ascensão de Jesus e do dia de Pentecostes; as cartas de S. Paulo aparecem nas gravuras 102/LXXVIII (que também refere Coríntios 10) e na 131/CVIII, juntamente com a referência Eph.4. Os textos do Velho Testamento são referidos na gravura 131/CVIII (Zech 9, Eccl 24). Há também casos de gravuras em que não encontramos qualquer referência bíblica, como nas cenas da vida de Maria, aceites pela tradição

católica, mas sem fundamentação bíblica. Veja-se, por exemplo, a gravura 135/CIX em que Jesus ressuscitado aparece a sua própria mãe; e aquelas que vão da 150/CL à 153-CLIII que descrevem a morte, o enterro e a ressurreição e ascensão da Virgem Maria.

Ainda na linha terceira, a maior parte das gravuras acrescenta o ano da vida de Jesus em que teria acontecido cada um destes episódios, entendendo-se o ministério público como encetado com o seu baptismo no vigésimo nono ano e terminado com a sua morte na idade de 33 anos. As excepções são as gravuras 1-CVII e 2-CXLIX que representam os acontecimentos anteriores ao nascimento de Jesus; as 101-LXXVII, 103-LXXIX, 107-LXXX a 146-CXX e 147-CXXV a 149-CXXVII que descrevem os acontecimentos ocorridos no último ano da vida; e as 150-CL e 153-CLIII que retratam a morte, enterro, ascensão e coroação de Maria ocorridos num ano não especificado depois da morte e ressurreição de Jesus.

Os olhos do leitor são naturalmente atraídos pela cena principal, representativa do facto evangélico comemorado. E no fundo de cena, no vazio de uma janela, ou nas cercanias do lugar representado aparecem cenas outras relacionadas com a primeira. Por toda a gravura, dispersam-se letras que anotam determinados aspectos sucintamente descritos na parte inferior do gravado e sugerem um percurso de interpretação e meditação...

Veja-se, como exemplo, a imagem da Anunciação reproduzida a seguir: o tema central é o encontro entre o anjo e Maria, mas não é esse o sugerido ponto de partida para a meditação. A anotação «A» – no passado e no céu – representa o concílio entre Deus e os anjos. Deus declara a encarnação de Cristo e escolhe o anjo Gabriel como anunciador. Num segundo momento, Gabriel, depois de ganhar forma humana, dirige-se a casa de Maria – «B» e «C». E ainda antes de o leitor se centrar no acontecimento nuclear, pelo ponto «D» – que naturalmente acrescenta realismo à cena interpretada – é descrito o espaço em que teriam decorrido os acontecimentos: a casa de Maria que, segundo a tradição, estaria em Loreto, no «campo Piceno». Nos três pontos seguintes acentua-se a concordância cronológica com outros episódio bíblicos. A mensagem do ponto «F» é a de que o dia da anunciação coincidia com o dia da criação do homem; a do ponto «G» é de que, nessa mesma data, Cristo seria morto na cruz; e no ponto «H» é a de que, no mesmo dia, os santos, no Limbo, receberam a nova da redenção... Há, portanto uma intenção pedagógica que supera em muito a narrativa bíblica levando o leitor para tempos e níveis interpretativos às vezes inesperados...

ANNVNCIATIO.

Luc. i.

1
cvij

A. *Comentus Angelorum, vbi declarat Deus Incarnationem Christi, & designatur Gabriel legatus.*

B. *Veniens Nazareth Gabriel, sibi ex aëre corpus accommodat.*

C. *Nubes è caelo, vnde radij ad Mariam Virginem pertinent.*

D. *Cubiculum, quod visitur Laureti in agro Piceno, vbi est Maria.*

E. *Ingreditur Angelus ad Mariam Virginem; eam salutatur; assentitur Maria: sic Deus homo, & ipsa Mater Dei.*

F. *Creatio hominis, quo die Deus factus est homo.*

G. *Eadem die Christus moritur, ut homo perditus recreetur.*

H. *Pie credi potest, Angelum missum in Iunbum, ad Christi incarnationem Patribus nunciandam.*

A segunda parte tem, relativamente a cada imagem, invariavelmente, a estrutura seguinte: em primeiro lugar transcreve-se o cabeçalho de cada gravado – ou seja, as três linhas em que se enuncia o dia do calendário litúrgico, o título da cena e a referência bíblica; seguidamente, *ipsis verbis*, transcrevem-se as legendas de cada imagem; em terceiro lugar citam-se os textos evangélicos relativos à festa em causa. Num quarto momento vêm as «Adnotationes» e, por último, as «Meditationes».

A «Adnotatio» é uma parte de marcada erudição onde predomina a pretensão didáctica: esclarecem-se questões exegéticas e linguísticas – de que são exemplo as recorrentes explicações dos significados de palavras hebraicas –, interpreta-se, explica-se⁶⁷, comenta-se, dramatiza-se... Veja-se o excurso que se faz acerca do significado do nome «IESV», «derivatur a verbo quod salvare significat»⁶⁸; ou a «adnotatio» à legenda «c» da imagem «Circumcisio Christi»⁶⁹, ou a que se faz à legenda «I» da mesma imagem⁷⁰...

Por último, a «Meditatio», às vezes própria para determinada comemoração ou dia festivo⁷¹ –, salvo casos particulares em que resvala para pequenos excursos históricos como o que acontece na «Adoratio Magorum» onde se faz uma incursão sobre a história e o significado dos três reis magos, das cidades percorridas, da estrela, dos três anjos⁷²... – é um espaço em que se exploram os sentidos alegóricos, as interpretações místicas, em que predomina a pretensão reflexiva, introspectiva, devocional...

Fica claro, portanto, a capacidade que a obra tem para debelar a inabilidade para a meditação, evitar o devaneio, controlar a imaginação. A imagem possui um poder visual concreto que concorda com a ortodoxia católica, e as notações

⁶⁷ Na imagem «Adoratio Magorum», a respeito da legenda «B» escreve-se: «B – Stella supra stans, ubi erat puer (ibi enim, ut tradunt doctores, erant Maria et Ioseph post circumcisionem) micantibus radiis Regem coelorum natum indicat» – NADAL, 1595: 32

⁶⁸ NADAL, 1595: 27

⁶⁹ Escreve-se: «c – Virginem matrem, quae non potuit non dolere; sed moderate id fecit pro virtutis suae magnitudine, dolorem manu ad cor opposita comprimens: Iosephum item oris et manuum gestu, tum lacrimis animi tristitiam declarantem» – NADAL, 1595: 27

⁷⁰ «I – Qui in Limbo Patrum tunc erant, qui in Purgatorio eandem latriam nomini IESV exhibentes. Ut enim natiuitatem nunciarent sanctis patribus in Limbo Angeli, ita pie credimus reliqua mysteria et actiones eos denunciassent, et gratulationes in choro illo sanctorum actas vicissim piissimas celebrata mysteria divinis laudibus» – NADAL, 1595: 27

⁷¹ Veja-se, a respeito da imagem «In Aurora natalis Dominis – De pastoribus» a meditação particular para o dia de «S. Stephani – Protomartiris» – NADAL, 1595: 23-26

⁷² NADAL, 1595: 33

e meditações que a acompanham reforçam essa conformidade ao não permitir que o espectador devaneie ou interprete erroneamente o visualizado.



Porque assim interessa para o tema aqui em causa, teremos como particular objecto de reflexão os seis gravados relativos ao nascimento e infância de Cristo que em muitos aspectos superam – na sua intenção descritiva, elucidativa, meditativa... – o próprio texto bíblico. São as gravuras «In nocte Natalis Domini – Nativitas Christi», «In Aurora Natalis Domini – De Pastoribus», «Circumcisio Christi», «Adoratio Magorum», «Purificatio», e «Cum doctoribus disputat Iesus».

IN NOCTE NATALIS DOMINI.

Natiuitas Christi.

Luc. ij. Anno i.

3

v



- A. Bethlehem ciuitas David.
 B. Forum vbi soluitur tributum.
 C. Spelunca, vbi natus est Christus.
 D. IESVS recens natus, ante Praesepe
 huius in faeno iacens; quem pannis
 Virgo Mater inuoluit.
 E. Angeli adorant Puerum natum.
 F. Ad Praesepe bos & asinus nouo lumi-
 ne commoti.

- G. Lux e Christo nato fugat tenebras noctis.
 H. Turris Heder, idest gregis.
 I. Pastores ad turrin cum gregibus.
 K. Angelus apparet Pastoribus, &
 cum eo Militia caelestis exercitus.
 L. Angelus, qui pie creditur missus in
 Lumbum ad Patres nuncius.
 M. Stella & Angelus ad Magos missi,
 eos primam ad iter impellunt.

IN AVRORA NATALIS DOMINI

De Pastoribus
Luc. ij. Anno i.

4
vi



A. Turris Heder, vbi Pastores colloquuntur.

B. Inveniunt IESVM positum in Praesepio.

C. Cognoscunt, quae erant ipsis dicta de Puer.

D. Reuersi ad suos, narrant omnia.

CIRCUNCISIO CHRISTI .

Luc. ij. Anno i.

5
vj



A. Synagoga, siue locus, vbi circumciditur IESVS.
 B. Sacerdos cum ceremonijs circumcissionis.
 C. Virgo Mater dolet de vulnere filij. Dolet Ioseph.
 D. Pueri subserviientes.
 E. Stella & Angelus viam Magis

demonstrant.
 F. Nomen IESV: quod adorant.
 G. Angeli.
 H. Mortales.
 I. Anima Patrum è limbo, & quæ in Purgatorio.
 K. Maria senu fovens filium, radit cum Ioseph.

ADORATIO MAGORVM.

Matth. ij.

Anno i.

7
IX



A. *Bethlehem, quo iter habent Magi.*
 B. *Stella os tendit ubi IESVS erat.*
 C. *Magi Bethlehem ingressi: extra urbem cum illos oportuit describere, quemadmodum reliqua, ut essent conspicua.*
 D. *Maria sola cum Puero ad os spehunca.*
 E. *Bos & asinus ad Praesepe.*
 F. *Primus Rex IESVM adorat, & offert tria munera.*

G. *Alter se comparat ad adorationem, & munera totidem in promptu habet.*
 H. *Tertius sua parans dona venerabundus expectat.*
 I. *Aulici omnes similiter eminus adorant.*
 K. *Magi alia via domum reuertuntur.*
 L. *Christi baptisimus ad Bethabaram.*
 M. *Nuptiae in Cana Galilee.*

PURIFICATIO.

Luc. 2. Anno i.

8

xx



A. Templum cum atrijs.
 B. Simcon venit in templum.
 C. Anna prophetissa prodit.
 D. Ad introitum secundi atrij, procalunt
 obuiam Christo, Mariæ, & Ioseph.
 E. Incipit Anna pps hominibus de Christo
 loqui.

atrium Sacerdotum.
 I. Perueniunt omnes ad portam atrij pr
 mi. Hinc Maria & Ioseph, illinc
 Sacerdotes et Levitæ. Funt oblationes
 K. Hic rursus confuetur Domino Anna
 & de Christo loquitur.
 L. Virgo Mater cum Pueri, & Ioseph i
 Galilæam reuertitur.



A linguagem dos afectos.

A combinação entre imagem, anotação e meditação dá forma a um estilo apologético, a uma *paideia* muito particular de que gostaríamos de salientar duas marcas fundamentais:

Em primeiro lugar é a extraordinária capacidade descritiva – ou *ekphrasis* – do enunciado. Nadal constrói um texto como se de um espelho se tratasse, uma virtuosa *imitatio naturae*⁷³, esgotando – pelas referências topográficas, narratológicas, e pela descrição de caracteres – todas as possibilidades explicativas...

Em segundo lugar, constrói um discurso ornado, uma espécie de banda sonora que – crescendo ao notado virtuosismo da imagem e da anotação... – é capaz de «dar voz às coisas» e às personagens... É uma cuidada teatralização da palavra, uma acabada dramatização do exercício de ler e meditar que transporta o leitor para dentro de cena, dando-lhe o privilégio de comunicar com as figuras espelhadas, ouvindo-as, questionando-as, respondendo às suas interpolações... É a reflexão profunda, cavada, o tom oracional, as interrogativas, as apóstrofes repetidas – «Nascere: veni ad nos sancte puer. O inenarrabilem divinitatis benignitatem. O mysterium Dei excellentissimum»⁷⁴ – e são os importantes monólogos e excursos dialogais...

Numa altura em que o diálogo, como género vivia já uma fase de declínio relativamente ao fulgor da primeira metade da centúria, Nadal usa-o como marca fundamental, mostrando uma clara influência da forma expressiva dos *Colloquia* de Erasmo, dos diálogos de tonalidade erasmista dos irmãos Valdés – que circularam em Alcalá entre 1528 e 1530, na altura em que Nadal iniciava os estudos naquela cidade⁷⁵ – e do Catecismo de Juan de Ávila publicado em Valência em 1554, muito utilizado ainda nos finais do século XVI, com grande receptividade na comunidade jesuíta⁷⁶... A forma «diálogo» representava bem esta «nova retórica» que olhava com cuidado particular para todos os elementos do processo comunicativo, para a figura do leitor, o processo interactivo, as intenções, os efeitos⁷⁷... E mostrava-se modelar como forma de *movere*, ou seja,

⁷³ FUMAROLI, 1994: 678

⁷⁴ NADAL, 1595: 17

⁷⁵ COUPEAU, 2007: 35; Fundada em 1508 pelo Cardeal Jiménez de Cisneros, a Universidade de Alcalá torna-se um prestigiado centro humanista rivalizando com Salamanca desde o princípio e participando deste projecto geral de reforma em que a Igreja católica se empenhava. A publicação da Bíblia Poliglota – publicada a partir de 1514 em seis tomos... – testemunha cabalmente a importância que os estudos e línguas bíblicas alcançavam naquela Universidade – COUPEAU, 2007: 53

⁷⁶ PALOMO, 2003: 250; 251-256.

⁷⁷ COUPEAU, 2007: 53

influenciar os juízos e as atitudes, *docere*, modificar o universo de conhecimento e *delectare*, isto é, atrair persuadir⁷⁸...

Na imagem «In Aurora Natalis Dominis», por exemplo, depois de observada minuciosamente e compreendida todos em todos seus pormenores... – ressoa, na «Meditatio» a voz dos pastores: «Pastores sumus (...) Vigilemus igitur, et excubias agamus super nostros greges; et nunc maxime si nox esse videatur, nec quicquam consolationis singularis sentiamur. Curemus ut in officio sint cuncti greges nostri. Nihil erret, nihil a lupo Daemone diripiatur, nihil desidia tabercat, omnia suavi pascantur pabulo, et salutari aqua potentur. Tunc nobis Angelus tutelarum gaudium annuntiabit magnum, et natum audiemus, et inveniemus salvatorem Christum Dominum: tunc audiemus, et corde percipiemus coeleste illud angelorum canticum; Gloria in Elcelsis Deo etc. Amen»⁷⁹.

À semelhança do que acontecia nos *Exercícios Espirituais*⁸⁰, os diálogos são normalmente ornados com interrogativas retóricas. Na gravura «In nocte Natalis Domini», depois da pergunta: «Natus es ergo Iesu benigne nobis, datus es nobis. Sed quod das tuae potentiae insigne?», é Cristo que responde: «Principatus mei insigne gero excellentissimum super humerum meum, crucem meam. Illud enim primum prodiens in orbem terrae egi, quod semper in utero matris egeram, ac semper deinde egi. Obtuli meam crucem et mortem patri pro vobis. Hic est meus Principatus, hoc meum Imperium. Per haec ego sathanam, infernum, mortem, peccatum triumphabo. Per haec regnabo ego in aeternum, ac sedebo ad dexteram patris, qui semper sum in sinu patris. Per haec mecum omnes electi patris mei regnabunt»⁸¹.

E a já notada intensidade visual é ampliada pelo efeito emocional... As imagens estão marcadas pela delicadeza nas expressões, estão recheadas de matizes de afectos profundamente realistas, comoventes, enternecedores. E a linguagem consegue decalcar – ampliar até... – esses sentidos... Os argumentos usados, os temas explorados são profundamente persuasivos, arrebataadores...

Nas «imagens da infância» predomina a ideia da estupefacção, do assombro e da comoção perante a grandiosidade do mistério da encarnação: o enigma da

⁷⁸ COUPEAU, 2007: 53-54

⁷⁹ NADAL, 1595: 22; O mesmo acontece na cena da purificação com as interlocuções com Jesus e Maria – NADAL, 1595: 73

⁸⁰ DEMOUSTIER, 1996: 27; FUMAROLI, 1994: 359.

⁸¹ NADAL, 1595: 18; Às vezes é o próprio leitor o interpelado: «Quid hac meditatione tibi petendum est? Ut mihi mea similiter appareat stella, et lux angeli qui me ducat ad Christi recens nati contemplationem. Ut item doceant me scripturae sacrae, et manifestent IESUM ; Ut inventum adorem è corde meo, et luce tua Domine, et agnoscam verum hominem, verum Deum, et vere pro me mortuum, ut ex his fructum spiritus referam...» – NADAL, 1595: 33

concepção virginal, do parto natural, indolor, suave⁸² – segredos que a própria Maria, como se escreve na *Adnotatio* da imagem «Nativitas Christi», contemplando a figura de Jesus, tenta perceber⁸³... –; o enigma de um Deus feito menino por um nascimento tão humilde e, ao mesmo tempo, revelador da majestade divina...; os segredos escondidos na circuncisão de Jesus⁸⁴; o assombro pela divina inteligência revelada por Jesus entre os doutores – «tanta omnium admiratione»⁸⁵. Mistérios divinos que deveriam transfigurar e converter os corações humanos... Mas – como lastima o leitor-orante – «Non commovent tamen, bone et sancte infans»⁸⁶.

Depois da compreensão do mistério segue-se o júbilo, a alegria da contemplação, – cromaticamente significada pelas irradiações de luz das estrelas, do menino, do rosto de Maria... – provocadoras de uma indiscreta felicidade: «Recta ad designatum locum à stella ingrediuntur Magi reperiunt puerum et Mariam matrem eius; quo viso repleta sunt eorum corda luce incredibili, incomparabili gaudio exultaverunt. Iam non Angeli, non stella; iam non puer natus per illa, sed IESVS ipse per se fontem suae bonitatis et gratiae illis aperit, illis per se communicat, ad se raptis eorum mentibus ostendit se verum Deum, verum hominem, et Regum seculorum aeternum, se promortalium salute crucifigendum, sepeliendum, resurrecturum»⁸⁷. Subjugados por esta suma felicidade os reis ajoelham-se, beijam as mãos e os pés ao verdadeiro rei, ao verdadeiro Deus... «O felices Magos (...) vos stella, vos angeli illuminant, vos illustrant scripturae»⁸⁸

⁸² NADAL, 1595: 17

⁸³ Veja-se, por exemplo, a anotação «D» à imagem da «Nativitas Christi»: «D – Iesus recens natus in spelunca ante praesepe foeno exceptus, humi vagiens, et manus ad matrem tendens: simul spiritus exultatione, atque animi suavitate plena virgo Mater, et adorabunda pannis et fasciis quae paraverat, infantem Deum frigentem aggreditur continuo involvere et fouere. In his vero mysteriis Mariam contemplare suam virginealem integritatem tenentem, nullius muliebrium (?) ministeriorum indigentem; excelsamente in filii nativitatem, tum aeternam ex Patre, tum temporalem ex se, laudibus, et spiritus exultatione levatam quidem, et mentem et corde, obsequia tamen omnia in filium obeuntem officiosissime: Ioseph verò totum esse in pueri admiratione et adoratione» – NADAL, 1595: 16

⁸⁴ «Cur infans IESV Deus sanguinem cum cruciatu fundis, cum nondum venerit hora tua? Copiosa est et abundans mea redemptio; faciet haec mea circuncisio ut vos efficiamini cordis circuncisio in spiritu, non in littera, non in carne. Intelligite fratres mei vobis esse quae vinct in membris vestris passiones circumciden-das, quod sine vi fieri non potest. Violentos vos fieri oportet in vos; hanc vim dabit vobis mea virtus circum-cisionis, ita eritis nominis mei participes, solutis meae capaces, naturae meae confortes, ita in corda vestra suavitas ineffabilis, et vis nominis mei IESV influet. Ita ero vobis salus sempiterna et vita. Amen» – NADAL, 1595: 29; Carta aos Romanos, 2, 29: «Porque não é judeu aquele que o é exteriormente, nem circuncisão a que se manifesta exteriormente, na carne. Mas é judeu o que é no interior, e circuncisão a que é no coração, segundo o espírito, não segundo a letra».

⁸⁵ «E – Huc venit tertio post die puer IESUS, cum essent congregati Doctores, et disputarent de adventu messiae. Audiens primum quid dicerent, coepit illos interrogare, et respondere, et cum illis disserere tam sapienter, tanta omnium admiratione, ut cunctorum animis commotis, illum iuberent in cathedra sedere, ut plenius, et maiore cum dignitate vel disputaret vel doceret...» – NADAL, 1595: 40

⁸⁶ NADAL, 1595: 16

⁸⁷ NADAL, 1595: 38

⁸⁸ NADAL, 1595: 38

CONCLUSÃO

Poder-se-ia representar o essencial da espiritualidade da Companhia através de duas ideias fundamentais: «Teocentrismo final» – tudo se deve ordenar para o serviço e a maior glória de Deus, o Criador deve ser o centro de todo o amor – e «Cristocentrismo pedagógico» – o meio, o método, a norma maior é a imitação de Cristo⁸⁹. E aos sentidos – em especial à visão... – é dado um papel essencial. Através dos «olhos exteriores» conseguir abrir os «olhos interiores» que farão o crente descortinar as verdades divinas... E a contemplação da graça celeste deveria iniciar-se pela emoção... O coração – e não tanto a mente... – seria a chave da elevação espiritual.

Mas o ideário da Companhia não se podia ficar pelo exercício meditativo ou contemplativo e o autor de *Evangelia Historiae Imagines* – manifestando mérito doutrinário... – teoriza sobre a necessidade de se unir a contemplação à acção. Para ele, a oração tem de focar o trabalho apostólico. Aliás, logo nas práticas espirituais do Colégio de Coimbra – em 1561 –, na primeira exortação, numa expressão sintética que depois seria repetida pelo Padre Baltazar Álvarez, expressa três princípios que apresenta aos colegiais como uma súpula do ideal religioso da Companhia: «spiritus, cor, et practica»⁹⁰. Ou seja: movidos pelo espírito de Deus, veículos de um amor afectuoso e caritativo e com tendência para a acção, para a prática⁹¹.

Pensamos que com a obra *Adnotationes* – embora postumamente... – Nadal consegue fazer a súpula da ideia e da estratégia doutrinal jesuítica: Imagens da vida de Cristo para serem admiradas, continuamente contempladas e imitadas, o enobrecimento da palavra evangélica, a provocação do amor divino, a capacidade de converter, de mobilizar, de levar o crente à prática devocional e à acção apostólica⁹²... De facto, a obra de Nadal assumiu a responsabilidade de fixar uma retórica, de cristalizar uma *paideia* posteriormente cultivada com vigor⁹³ e resvalando – aqui e além – para ludismos exibicionistas e estéreis...

⁸⁹ NICOLAU, 1953: 280-282

⁹⁰ É uma fórmula favorita do Padre Nadal que aparece também nas práticas de Alcalá proferidas no mesmo ano... – NADAL, 1945: 43

⁹¹ NADAL, 1945: 45

⁹² RUBENS & BARBÉ, 1992: 46

⁹³ FUMAROLI, 1994 : 257-279 ; 354-391 ; 673-706

Fontes manuscritas :

NIZA, Marquês – Biblioteca Nacional de Lisboa, cód. 2666

NIZA, Marquês – Biblioteca Nacional de Lisboa, cód. 2667

NOGUEIRA, D. Vicente – Biblioteca Pública de Évora, cód. CVI/2-4

NOGUEIRA, D. Vicente – Biblioteca Pública de Évora, cód. CVI/2-11

Fontes impressas:

ANTONIO, Nicolás (1996) – *Bibliotheca Hispania Nova (...)*, edição fac-similada de 1783, 2 vol. Madrid: Visor Libros.

BANGERT, William V. & MCCOOG, Thomas M. (1992) – *Jerome Nadal, SJ, 1507-1580 – Tracking the First Generation of Jesuits*, Chicago: Loyola University Press.

BORJA, Francisco de, (1912) – *El evangelio meditado: meditaciones para todas las dominicas e ferias del año y para las principales festividades / Obra inédita compuesta por San Francisco de Borja de la Compañía de Jesús, sacada del original corregido de mano del santo por el P. Federico Cervós...* Madrid: Administración de Razón y fe.

CANELLAS, Joan Nadal (2002) – *Jeroni Nadal Morey, la seva vida i la seva contribució a la cultura europea de l s. XVI*, Palma de Mallorca: Promomallorca Edicions.

CARVALHO, José Adriano de Freitas (2007) – *Lectura Espiritual En la Península Ibérica (Siglos XVI-XVII)*, Salamanca: Semyr.

COUPEAU, Carlos, S. J. (2007) – *Los Dialogos de Nadal: Contexto histórico-literario y hecho retórico*. «Ignaziana», nº 3, p. 3-80.

DEMOUSTIER, Adrien, S. J. (1996) – *L'originalité des Exercices Spirituels*, «Les Jésuites à l'âge Baroque (1540-1640)», Direcç. de Luce Giard e Louis de Vaucelles, Jérôme Millon, Grenoble, p. 23-35.

Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique doctrine et histoire (1971), tomo VII, Paris: Beauchesne.

FABRE, Pierre Antoine (1996) – *Les Exercices Spirituels sont-ils illustrables?*, «Les Jésuites à l'âge Baroque (1540-1640)», Direcç. de Luce Giard e Louis de Vaucelles, Jérôme Millon, Grenoble, p. 197-210.

SERAFIM, João Carlos Gonçalves - A INFÂNCIA DE CRISTO EM *ADNOTATIONES ET MEDITATIONES IN EUANGELIA DO PADRE JERÓNIMO NADAL* (S.J.)
Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso, CITCEM, nº 17, 2010, págs.79-107

FUMAROLI, Marc. (1994) – *L'Age de L'Eloquence – Rhétorique et res literaria de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, «Bibliothèque de L'Évolution de l'Humanité», Paris: Albin Michel.

FUMAROLI, Marc. (1994) – *L'Ecole du Silence – Le sentiment des images au XVII^e siècle*, Idées et Recherches, Paris: Flammarion.

FUMAROLI, Marc. (2007) – *De Rome à Paris – Peinture et Pouvoirs aux XVII^e et XVIII^e siècles*, Saint-Étienne: Éditions Faton.

JURADO, Manuel Ruíz (1979) – *Cronología de la vida del P. Jerónimo Nadal S.J. (1507-1580)*, AHSI 48, p. 248-276.

Les Conciles Oecuméniques – Les Décrets – Trente à Vatican II, (1994), Tome II-2, Dir. De G. Alberigo, Paris: Les Editions du Cerf.

Les Jésuites à l'âge Baroque (1540-1640), (1996), Direcç. de Luce Giard e Louis de Vaucelles, Jérôme Millon, Grenoble.

MARAVALL, Jose Antonio (1997) – *A Cultura do barroco. Análise de uma estrutura histórica*. São Paulo: EDUSP.

NADAL, Jerónimo (1595) *Adnotationes et meditationes in euangelia quae in sacrosancto missae sacrificio toto anno leguntur: cum Euangeliorum concordantia historiae integritati sufficienti...*, 2^a edição, Antuerpia: Martinus Nutius, B. N. L., Res. 2422/11 A.

NADAL, Jerónimo (1962) – *Comentarii de Instituto*, Miguel Nicolau (ed.), Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu.

NADAL, Jerónimo (1964) – *P. Hieronymi Nadal Orationis Observaciones*, Miguel Nicolau (ed.), Roma: Monumenta Histórica Societatis Iesu.

NADAL, Jerónimo (1976) – *Scholia in Constitutiones S. J.*, Edição de Manuel Ruiz Jurado, Granada: Facultad de Teología.

NADAL, Jerónimo, S.J. (1945) – *Platicas Espirituales en Coimbra 1561*. Tradução de Nicolau Miguel, Granada: Facultad Teológica de la Compania de Jesus.

NADAL, Jerónimo, S.J. (1975) *Imágenes de la historia evangélica*, estudo introdutório de Alfonso Rodríguez G. de Ceballos. Barcelona: El Albir.

NADAL, Jerónimo, S.J. (2004) – *Comentários sobre o Instituto da Companhia de Jesus*, São Paulo, SP: Edições Loyola.

NATALI, Hieronymo (1593) – *Evangelicae historiae imagines: ex ordine Euangeliorum quae toto anno in missae sacrificio recitantur in ordinem temporis vitae Christi digestae*, Antuerpiae: [s.n.].

NATALI, Hieronymo (1594) *Adnotationes et meditationes in Euangelia quae in sacrosancto missae sacrificio toto anno leguntur: cum Euangeliorum concordantia historiae integritati sufficienti...*, Amberes: Martin Nutius.

NICOLAU, Miguel, S.J. (1949) – *Jerónimo Nadal, S.J. (1507-1580) – Sus obras y doctrinas espirituales*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

NICOLAU, Miguel, S.J. (1953) – *Notas de la Espiritualidad jesuitica*, «Manresa», 25, Granada: Instituto de la Pedagogia Religiosa, p. 259-288.

PALOMO, Federico (2003) – *Fazer dos Campos escolas Excelestes – Os Jesuítas de Évora e as Missões do Interior em Portugal (1551-1630)*, F. C. Gulbenkian/ F.C.T.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves; CARVALHO, José Adriano de (2001) – *História Crítica da Literatura Portuguesa – Maneirismo e Barroco* –, Lisboa: Editorial Verbo.

RODRÍGUEZ G. DE CEBALLOS, Alfonso (1974) – *Las imágenes de la historia evangelica del P. Jeronimo Nadal en el marco del jesuitismo y la contrarreforma*, «Traza y Baza», (5), p. 77-96.

RUBENS, P. P. ; BARBÉ, Jean Baptiste (1992) – *Vida de San Ignacio de Loyola em Imágenes*, Edição Facsimil, Estudo Introdutório de Antonio M. Navas Gutiérrez, S. J., Granada: Biblioteca Teológica Granadiana.